

LINGUASAGEM

FUNCIONALISMO E ABORDAGEM CONSTRUCIONAL: OS USOS DE “TREM” NA FALA GOIANA

Natália de Paula REIS¹

RESUMO

Este artigo objetiva analisar a construção “trem” e sua produtividade em dados de fala do português contemporâneo falado em Goiás. Intenciona-se ainda com essa pesquisa refletir acerca da concepção de identidade, haja vista que a atitude linguística assumida pelo falante implica essa noção. Para tanto, este estudo baseou-se nos postulados teóricos funcionalistas da linguagem de Givón (1995) e Neves (1997), nas abordagens sobre mudanças construcionais de Traugott and Trousdale (2013), Goldberg (2003) e Boas (s/d), nos estudos de Karnopp (2006), Koch (2005) e Koch, Morato e Bentes (2005) sobre referenciação, dentre outros. O *corpus* de análise compreende os dados coletados pelos integrantes do Projeto Fala Goiana da Universidade Federal de Goiás e disponibilizados no sítio <https://gef.letas.ufg.br/>. Por meio da análise proposta, constatamos, dentre outras questões, que a construção “trem” é bastante produtiva na fala goiana e revela parcialmente a identidade linguística dessa comunidade. Além disso, percebemos ainda que, para além de sua foricidade, “trem” possui especificidades sintáticas, semânticas e pragmáticas.

PALAVRAS-CHAVE: Construção “trem”; Produtividade; Fala goiana; Foricidade.

Introdução

A palavra “trem”, como palavra ‘curinga’ para se referir a qualquer coisa, não é usada somente pelos mineiros, tal como atestam alguns estudos (KOCH, 2005; OLIVEIRA, 2015), mas também pelos goianos. Essa lexia tem sido objeto de interesse de alguns estudiosos da área dos estudos linguísticos, como é o caso de Koch (2005), Amaral (2013, 2014), Oliveira (2015) e Oliveira (2016). No entanto, a maioria desses trabalhos trata essa palavra como um *nome geral*² e não como uma construção, conforme propõe essa pesquisa. Além disso, ao verificar na literatura até então existente sobre estudos que tratam de “trem” em dados de fala da língua brasileira (ou Português

¹ Mestranda em Estudos Linguísticos do Programa de Pós-graduação em letras e linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: nataliaah.r@hotmail.com

² *Nome geral*, segundo Halliday e Hasan (1976), é um caso limítrofe entre um item lexical (caracterizado por pertencer a classes abertas de palavras, lexemas concretos que se inserem em um sistema aberto) e um item gramatical (signos linguísticos “vazios”, palavras acessórias que pertencem a um sistema fechado).

Brasileiro), percebemos que há pesquisas acerca dessa palavra somente no português falado em Minas Gerais.

Em vista disso, o tema deste artigo justifica-se, especialmente, pela necessidade de analisar alguns pontos não antes questionados nos trabalhos sobre esse fenômeno, como por exemplo, sua função no discurso goiano. Faz-se relevante ainda devido à carência de pesquisas sobre “trem” em relação à variante goiana do português e também pela necessidade de estudos que tratem esse fenômeno sob as perspectivas do funcionalismo e da mudança construcional lexical.

Respalado na carência de estudos que considerem essas perspectivas, este artigo propõe investigar “trem” como uma construção que pode ser tratada sob o enfoque semântico, sintático, pragmático e textual-discursivo, tal como propõem os estudos Funcionalistas da linguagem (GIVÓN, 1995; NEVES, 2007).

Para tanto, utilizando de dados já coletados do macroprojeto *O português contemporâneo falado em Goiás – Fala Goiana*, que objetiva investigar e descrever os fenômenos linguísticos do português contemporâneo falado em Goiás, tencionamos ainda certificar a hipótese de que o que ocorre com a construção “trem” possa se tratar de uma mudança construcional lexical. Isso porque, por meio dos estágios de mudança, origina-se uma construção principalmente de conteúdo, acarretando em uma nova construção de nível lexical na língua.

Além disso, pretendemos discutir as funções textuais/fóricas que “trem” passa a assumir. Nesse contexto, considerando as diferentes funções que resultam no processo de mudança construcional dessa construção, destacamos, no plano textual, sua função fórica, conforme podemos verificar nos usos abaixo:

(1) porque as ambição foi demais né...eu peguei e falei pra ela... Tatiane larga de mão disso qu/eu num quero nada... é um **trem** qu/eu num gosto...eu num gosto de ambição eu quero o que é meu... ai ela pegô e falô... não se mais os menino pegô tudo ocê num tem direito? (JS, M, 36)³

(2) Nesse tempo eu bebia muito... olha... si eu saí cum essa mulher de fogo...vai que eu faço esse **trem** e gosto desse negócio... de jeito: : nenhum... pois num é que tem uns deiz anos e até hoje a mulhé mi liga... quereno saí cumigu... (APS, F, 33)

Percebemos, nesses dois usos, que a construção “trem” possui a função de introduzir determinado elemento no discurso. Em (1), vemos que o falante utiliza

³ Na sequência temos o nome do colaborador, o sexo e a idade.

“trem” para se referir a uma entidade abstrata que foi apresentada anteriormente, neste caso, a *ambição*. Já no uso (2), o falante utiliza “trem” para retomar *o ato de beber*. Além dessa propriedade fórica, outras características do emprego de “trem” serão observadas ao longo deste trabalho.

Este artigo está organizado em cinco seções. Na primeira seção, inicialmente, esboçamos um panorama geral da proposta e o núcleo temático do estudo. Na seção 2, apresentamos a metodologia. Na terceira seção, fazemos uma apresentação e discussão dos resultados. Por fim, temos a conclusão, em que sintetizamos os resultados da pesquisa e são retomadas as principais questões debatidas nesse artigo e, na quinta seção, temos as referências.

Origem etimológica de “trem”

Quando se pensa no primeiro uso da palavra “trem”, logo vem à mente sua relação com o *comboio ferroviário*. No entanto, apesar do levantamento dessa hipótese inicial, percebemos depois de diversas buscas *online* que o uso da construção “trem” para designar “qualquer coisa” veio muito antes do surgimento do meio de transporte, que ocorreu em meados do século XIX. Bluteau em seu dicionário de 1712 já previa esse uso, que teria sua origem no latim conforme podemos observar a seguir:

**TREM, ou Trein. Deriva-se do Fran-
cez *Train*, que significa o mesmo, &
Train se deriva do verbo Latino *Trabere*,
que he *Tirar*, ou *Puxar* por algũa cousa,
ou *Arrastar*. E assim chamamos *Trem do*
Principe, os seus domesticos, & a mais
gente, porque puxa a sua pessoa, quando
faz jornada; & *Trem da Artilharia*, são
as peças de campanha, os canhoens, &
carretas, que puxão por elles. O *Trem*
de hum *Principe*. *Principis comitatus, us.*
Masc. Principis familia, e. Fem. Principis
domestici, orum. Masc. Plur. (O Trem do
*Emperador. Vieyra, tom. 9. 28. col. 2.)***

Figura 1: “Trem” segundo o dicionário de Bluteau (1712)

Observando a figura 1, notamos que de acordo com o dicionário elaborado por Bluteau (1712), “trem” deriva inicialmente do francês *train*, que por sua vez deriva do

verbo latino *trabere* que significa *Tirar, ou puxar por alguma coisa, arrastar*. Desse modo, a construção “trem” com o sentido de “qualquer coisa”, possivelmente, originou-se do verbo latino e não do meio de transporte ferroviário.

Além disso, na tentativa de definir uma origem para a palavra trem, outros textos menos formais e, de certa forma, com bases teóricas questionáveis, procuram desvendar seu sentido inicial. No texto “A gente vive falando isso, né?”, publicado no jornal *O popular*, ressalta-se a relação entre a palavra “trem” e o meio de transporte trem. O *blog* *Materia Incógnita* levanta a hipótese de que a palavra “trem” vem de “terém”, que segundo o texto foi trazida por D. Pedro ou poderia ter surgido também do pássaro *terém-terém*. No entanto, ao ser questionado via comentário sobre as fundamentações da afirmação, o autor fornece textos já não disponíveis na internet e diz se tratar de uma ironia.

Nesse contexto, a palavra “trem” originou-se provavelmente do verbo latino *trabere*, e, possivelmente, devido a pressões pragmático-discursivas, inferências sugeridas e relações de analogia, essa construção assumiu sentido diferente do utilizado inicialmente, passando a designar “qualquer coisa”. Dessa maneira, observamos que devido à convencionalização e à frequência de uso, houve, neste tipo de contexto, ambiguidade semântico-pragmática e manutenção da forma.

Vale salientar que em torno do exemplar “trem” agrupam-se outras palavras do mesmo eixo semântico-pragmático, que também podem ser inseridas no discurso para substituir determinado termo, tais como “negócio” e “coisa”. Apesar de a palavra “coisa” ser considerada um *nome geral* mais representativo que “trem” (OLIVEIRA, 2015), este estudo se debruçará sobre a última, na medida em que esta é bastante produtiva na fala goiana.

Funcionalismo, Construcionalização e Linguística textual

Esse trabalho, conforme mencionamos anteriormente, propõe investigar o processo de mudança da construção “trem”. Dentre os estudos acerca da mudança construcional e da construcionalização, destacamos a abordagem mais formal de Fillmore (1988) e os trabalhos de orientação mais cognitivista de Goldberg (2003) e Traugott and Trousdale (2013).

Dada a importância das condições discursivas em que as unidades construcionais são utilizadas e se desenvolvem, bem como as mudanças linguísticas a

que estão vinculadas e as marcas identitárias que expressam, este estudo ancora-se ainda na perspectiva Funcionalista da linguagem. Nessa abordagem a linguagem é entendida como interação social entre interlocutores, marcada por práticas comunicativas de uma comunidade linguística (GIVÓN (1995); NEVES, 2007) e é no uso que ela se atualiza.

Dentre as diferentes concepções de construção, ressaltamos para este estudo a de Goldberg (2003), que buscando uma definição trata construções como emparelhamentos de forma e função armazenada. Além disso, conforme acrescenta a autora, “qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção, desde que algum aspecto da sua forma ou função não seja estritamente previsível a partir dos seus componentes ou de outras construções reconhecidas por existir.” (GOLDBERG, 2006 *apud* BOAS, s/d)⁴.

Nesse contexto, notamos ainda que a construção “trem”, enfoque desse trabalho, trata-se de uma construção atômica, ou seja, é composta somente por uma palavra. Mesmo que sejam pouco comuns trabalhos de pesquisa que têm como objeto de estudo construções atômicas, essa proposta tem validade e ancora-se em estudos que consideram esse tipo de organização uma construção (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013; GOLDBERG, 2003).

Traugott e Trousdale (2013) destacam ainda que a construção é um dado linguístico empírico passível de mudança (como *trem, até, um belo dia, lavar a égua, botar pra quebrar* etc) e que a construcionalização é o processo de mudança gramatical, ou seja, um pareamento nova-forma e novo-sentido das construções. Para eles, mudanças só formais ou só semânticas não caracterizam construcionalização, são apenas mudanças construcionais. Dessa forma, “uma mudança construcional é uma mudança que afeta uma dimensão interna de uma construção. Ela não envolve a criação de um novo nó⁵.”⁶ (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 26).

Nesse sentido, consideramos “trem” uma construção, e, percebendo-a em seu percurso histórico, entendemos que passa pelo que Traugott e Trousdale (2013) chamam de mudança construcional.

Para a compreensão desse processo de mudança construcional por que passa a palavra “trem”, faz-se necessário ainda investigar as três propriedades fundamentais

⁴ Original inglês: “Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or functions not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist.”

⁵ Tendo em vista que há uma rede de construções, as mudanças que afetam uma construção podem ou não levar à criação de um pareamento entre forma e função, ou seja, a criação de um novo signo (um novo nó na rede). É quando ocorrem mudanças na forma e no conteúdo.

⁶ Original inglês: “A constructional change is a Change affect in gone internal dimension of a construction. It does not involve the creation of a new node.”

discutidas por Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2013): *produtividade*, *esquemacidade* e *composicionalidade*. Nessa perspectiva, as análises dos usos compreendem a questão da frequência, o nível de esquemacidade das construções e o grau de transparência/opacidade entre forma e significado no nível da construção.

A *produtividade* é considerada gradiente, na medida em que se refere à habilidade de elementos de formação de palavras serem usados para formar novas expressões linguísticas. (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013). Além disso, vale ressaltar que a produtividade está associada à frequência. Bybee (2013) distingue frequência *token* (o número de vezes que a mesma unidade ocorre no texto) de frequência *type* (o número de expressões diferentes que determinado item possui). Nesse contexto, a produtividade de uma construção relaciona-se com a recorrência de seus usos, uma vez que quanto mais usada uma construção é, maior a quantidade de instanciações distintas dessa construção, e conseqüentemente maior sua produtividade.

A *esquemacidade*, por sua vez, conforme afirmam Traugott e Trousdale (2013), diz respeito a uma propriedade de categorização que envolve abstração, na medida em que um esquema é uma generalização taxonômica de categorias, sejam linguísticas ou não. Cabe ressaltar ainda que há diferentes níveis de esquemacidade que estão relacionados ao grau de convenção da construção, ou seja, quanto mais esquemática for uma construção mais convencionalizada ela é. Nesse sentido, a esquemacidade está associada à produtividade da construção, à sua gradiente.

Juntamente com a produtividade e esquemacidade, um dos fatores que determinam a arquitetura de uma construção é a *composicionalidade*. A composicionalidade é concebida em termos de transparência entre forma e significado. (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013). Nesse contexto, se uma construção é considerada semanticamente composicional, é possível depreender o significado de cada item individual, como em *menina bonita*, em que o significado de menina e o significado de bonita são igualmente preservados. Caso não seja composicional, haverá incompatibilidade entre o significado dos elementos individuais e o sentido do todo, ou seja, aquilo que, na forma, apresenta dois ou mais itens linguísticos, como em *pé-de-moleque*, forma uma unidade significativa. Não haverá, portanto, significado separado de cada parte.

Além de se fundamentar nos trabalhos sobre mudança construcional, este estudo ancora-se também nas pesquisas de Karnopp (2006), Koch (2005), Koch e Marcuschi (1998), Koch, Morato e Bentes (2005) e Mondada e Dubois (2003), que ao discutirem a

noção de referenciação contribuíram para a interpretação das funções textuais/fóricas de “trem”, discutidas anteriormente nos usos (1) e (2).

Sobre referenciação, entende-se que

não perpassa simplesmente por uma representação extensional de referentes do mundo extramental. A realidade é construída, mantida e alterada, pela forma como, sociocognitivamente, o sujeito interage com o mundo. Então, ao invés de se privilegiar a relação entre as “palavras e as coisas”, o foco do conceito de Referência se desvia para “a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas.” (KOCH; MORATO; BENTES, 2005, p. 7).

Nesse sentido, consideram que a referenciação é um processo discursivo, em que os referentes são os objetos de discurso. De acordo com Koch (2005), os objetos de discurso são dinâmicos e, uma vez introduzidos são constantemente modificados, desativados, reativados, construindo-se ou reconstruindo-se, os sentidos no curso da progressão textual.

Desse modo, “trem” atua como referente e possui uma função fórica, na medida em que retoma ou antecipa outras expressões, enunciados, contribuindo para a continuidade referencial do texto. Em virtude da importância de “trem” como elemento fórico, julgamos interessante analisar esse aspecto, uma vez que a utilização de expressões nominais referenciais para a progressão referencial contribui para o estabelecimento da coesão na fala.

Estudos já realizados sobre a construção “trem”

A construção “trem” tem sido objeto de investigação principalmente de estudos que compreendem o português falado em Minas Gerais. Dentre os estudos que se dedicaram a investigá-la, destacamos os recentes trabalhos de Amaral (2013, 2014) e Oliveira (2015), que analisam o emprego do “trem” no português oral de Minas Gerais. Ambos os autores em seus trabalhos partem do pressuposto de que a palavra “trem” seria um nome genérico que pertence a uma categoria de elementos que estão entre o léxico e a gramática e que tem função textual similar a um elemento anafórico.

No que diz respeito à função fórica, Fulgêncio (1983) já afirmava que palavras como *coisa*, *trem*, *negócio* e *troço*, podem ser consideradas anafóricas. Segundo a autora, palavras desse tipo são usadas quando o falante não se lembra do vocábulo adequado, mas “acredita que o ouvinte consiga depreender o seu significado e

identificar o seu referente através do contexto e da paisagem mental que o ouvinte vai criando a partir dos elementos evocados.” (p. 25)

Koch (2005) também aponta que “trem coisa, pessoa, negócio, criatura, indivíduo” são nomes genéricos anafóricos tal como considera Amaral (2013, 2014) e Oliveira (2015). Além disso, a autora levanta uma hipótese a respeito do uso de “trem” em relação à variação dialetal, mas não chega a desenvolver uma análise sobre anáforas com esse aspecto. Segundo ela, “o uso de ‘trem’ (=coisa) seria, provavelmente, indicativo do dialeto mineiro”. (KOCH, 2005, p. 268). Como se vê ainda, a autora restringe o uso de “trem” somente à fala mineira.

O estudo dessa construção é retomado por Amaral e Ramos (2014) *apud* Amaral (2014) que verificam que “trem” apresenta as seguintes propriedades:

- a) possui referência vaga;
- b) possui traço [-animado];
- c) não apresenta marcas de plural;
- d) não possui flexão de gênero;
- e) se une a sufixos para formar derivados (*trenzim* < *trenzinho*);
- f) é usado em expressões fixas (*trem bom*; *trem de doido*);
- g) é elemento fórico. (p. 33)

Notamos que além da função fórica da construção “trem”, destacamos nos dados outras propriedades como, por exemplo, sua referência vaga, a ausência de flexão de gênero e de marca de plural, que podem ser observadas abaixo:

- (3) Pois é... trabaivava... e num... num dava conta de comprá **meus trem**... as muchila né... qu/eu queria... que via as criança tudo:::... cas coisa né? e num podia comprá... (SBSL, F, 28)
- (4) cês dois vai posá aí não, cês dois... um posa no caminhão, o ôto posa noto vigiano o material... a hora quele falô sim, eu falei: “pronto”... agora danô... nói nu mei de gente istrãei... primêra vêiz sai de casa que... vigiá **esse trem**... naquele tempo parava... passava quais caminhão.... quais carreta tudo incostada assim perto da pensão tudo.. (BFS, M, 65)

Conforme se pode perceber, há a ausência de marca de plural nos usos, na medida em que ambos os informantes utilizam a construção “trem” no singular ainda que se pressuponha a necessidade do uso de plural. Em (3), mesmo havendo o pronome possessivo no plural “meus”, a forma “trem” permanece no singular. Quanto à ausência de flexão de gênero, percebemos que “trem” é utilizado para referir-se tanto a entidades femininas (mochilas) em (3), como a entidades masculinas (caminhão) em (4). Nos usos, não há, portanto, a presença da flexão de gênero, posto que, mesmo ao se referir

semanticamente a uma entidade feminina, “trem” permanece na forma masculina: “meus trem” / “esse trem”. Acerca de sua referência vaga, percebemos que “trem” pode se referir a diferentes objetos no mundo, como em (3) que é utilizado para se referir a *mochila*, e em (4) que é utilizado para se referir ao *material que estava no caminhão*.

Em suma, apesar de ser de uso bastante recorrente em determinadas variedades do português brasileiro – como o é na fala mineira e goiana – a palavra “trem”, somente há pouco tempo vem recebendo uma atenção maior por parte das pesquisas linguísticas.

Convém destacar que este estudo pretende ir além desses enfoques, tratando a palavra “trem” como uma construção. Para tanto, outras propriedades de “trem”, dentre as quais enumerou Amaral e Ramos (a sair) *apud* Amaral (2014) e para além das tratadas por estes autores, serão retomadas no capítulo 4, referente à análise e discussão dos dados.

Metodologia

A pesquisa aqui proposta trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa dos dados, ou seja, uma análise que, sem o intuito de quantificar resultados, se volta de forma exploratória para a descrição, análise e interpretação dos variados contextos em que se dá a construção “trem” na fala goiana. Trata-se ainda de uma pesquisa documental, tomando os dados de fala como documentos, e, analisando-os a partir de materiais bibliográficos (livros, artigos, periódicos etc)

Os dados da pesquisa são provenientes do *corpus* de língua falada coletado pelo Grupo de Estudos Funcionalistas (GEF) da Universidade Federal de Goiás. Ao total serão analisados 18 arquivos de transcrições entrevistas monitoradas de aproximadamente 60 minutos, por colaboradores que integram a comunidade de fala no estado de Goiás, realizadas por Silva (2005) com 12 moradores da Cidade de Goiás, e mais 6 transcrições de entrevistas com moradores da região metropolitana de Goiânia. O *corpus* possui aproximadamente 42.300 palavras.

Cabe ressaltar ainda que as essas entrevistas se realizaram com documentador, ou fala monitorada de situações em que os informantes foram conduzidos a contar experiências vividas na comunidade. Logo, os objetivos deste estudo impõem a necessidade de se promover um trabalho com dados de língua em uso.

Para a realização da pesquisa, abordamos alguns procedimentos metodológicos que estruturaram a fase de busca e análise de dados empíricos pertinentes à investigação.

Primeiramente, reunimos os textos teóricos funcionalistas e cognitivistas concernentes ao tema que norteia o estudo. Como previsto *anteriormente*, a trajetória das leituras que contribuíram para delimitar o tema deste artigo compreendem principalmente os textos de Givón (1995) e Neves (2007) sobre o Funcionalismo, de Goldberg (2003), Traugott e Trousdale (2013) e Boas (s/d) acerca da Construcionalização e Mudança Construcional e os trabalhos de Koch e Marcuschi (1998), Koch (2005) e Karnopp (2006) sobre referenciação.

Após as leituras concernentes ao trabalho, com o intuito de examinar as hipóteses do surgimento de “trem” no léxico da língua e de que forma se dá a mudança semântica dessa construção, fez-se necessário reunir e averiguar textos que eventualmente demonstrassem o uso dessa palavra em seu sentido inicial, como por exemplo, documentos históricos do Brasil e dicionários que compreendem a origem etimológica de palavras. Como forma de colaborar e facilitar as buscas, a investigação de possíveis construções nesses textos se deu através da ferramenta de busca Ctrl + L, que está disponível no *Word for Windows*.

Após um levantamento no *corpus* de todos os usos de “trem”, e procurando estabelecer articulações entre os dados coletados e os referenciais teóricos da pesquisa, as ocorrências foram examinadas, analisadas e interpretadas, sob a perspectiva do Funcionalismo, da Mudança Construcional e da Linguística Textual.

A análise dos dados integrou evidentemente os conhecimentos teóricos estudados anteriormente. Cabe ressaltar ainda que, na realização da análise, atentamos para os diferentes contextos em que se deu a construção e consideramos de forma indissociável os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos em que se inseriram os usos, tal como pressupõe a perspectiva funcionalista da linguagem. (NEVES, 1997)

Os usos de “trem” na fala goiana: análise dos dados e resultados

Esta seção tem o objetivo de apresentar e discutir os resultados da pesquisa aplicados às considerações teóricas sobre o objeto de estudo, traçadas anteriormente. Importante esclarecer que a discussão é feita concomitantemente à apresentação dos resultados.

Tendo em vista que a produtividade, segundo Traugott e Trosdale (2013) está ligada ao número de vezes que uma determinada sequência ocorre em um texto ou *corpus* (frequência *token*) e ao número de diferentes expressões de um padrão particular (frequência *type*), percebemos que em relação às ocorrências no *corpus* a construção “trem” foi bastante produtiva.

Na figura 2, segue, a frequência *token* da construção, apresentada de acordo com o sexo:

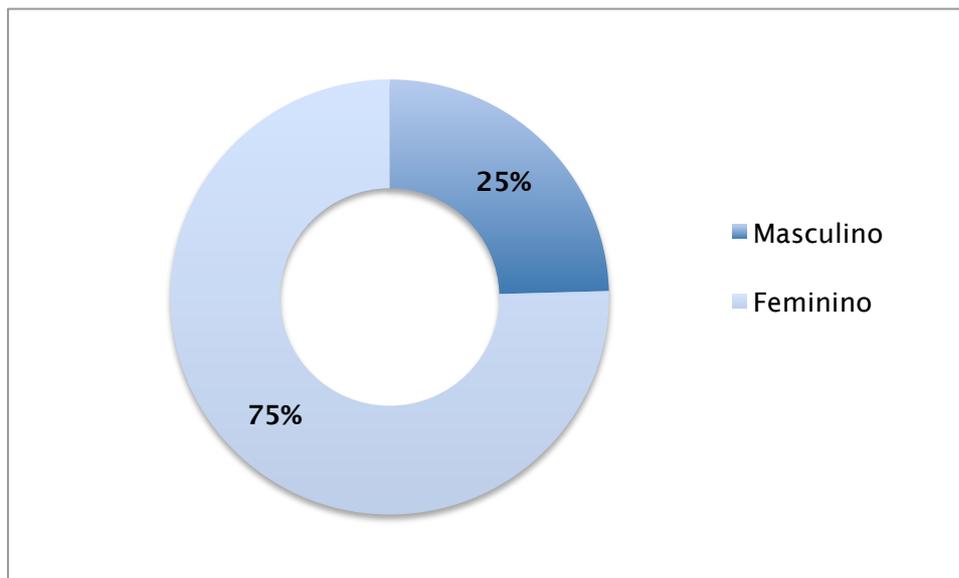


Figura 2: Percentual de usos de “trem”, segundo o sexo do informante

De um total de 57 ocorrências (*token*) de “trem” encontradas no *corpus*, 47 usos corresponderam ao sexo feminino, e 14 usos, por sua vez, ao sexo masculino, conforme ilustra o gráfico em porcentagens. Percebemos que os dados revelam um maior índice de usos de “trem” pelo sexo feminino. Isso se deve, provavelmente, ao fato de que, conforme afirmam Mollica e Braga (2003), as mulheres parecem introduzir na língua elementos inovadores, como é a construção “trem”.⁷

Em suma, a construção “trem” foi bastante produtiva na fala goiana, em contraposição ao estudo de Oliveira (2015), que observou apenas três ocorrências dessa palavra no *corpus* de fala mineiro, o que é de extrema relevância para os estudos referentes a “trem” e o que aponta para a ideia de que essa construção se mostra como representante da identidade goiana.

⁷Cabe ressaltar ainda que, apesar de se ter introduzido a análise da variável sexo, esse estudo não pretende realizar um trabalho detalhado sobre variáveis sociais, na medida em que não se trata de uma pesquisa sociolinguística. Salientou-se apenas a análise dessa variável, devido ter se destacado bastante nos dados.

Considerando-se o critério da esquematicidade, outro fator de mudança construcional discutido por Traugott e Trousdale (2013), percebemos que “trem” pode ser considerada parcialmente esquemática, na medida em que engloba *slots* para serem preenchidos e recruta diferentes itens para compor a construção, tais como: artigo, pronome demonstrativo, verbo, pronome possessivo, advérbio e pronome indefinido. De um total de 57 construções, 26 usos de “trem” foram antecipados por artigos, 16 antecipados por pronomes demonstrativos, 9 antecipados por verbos, 3 por pronomes possessivos, 2 por advérbios e 1 por pronome indefinido. A figura abaixo ilustra alguns desses usos:

Quadro 1: Co-texto sintático da ocorrência de “trem”

Esquema [X- trem]	Exemplos
Artigo + <i>trem</i>	<p>(5) aí eu guentei a mão com ele lá trabalhano sem pegá oro... um dia ele mesmo falô pra mim... falô ó Zé Carlo faiz o seguinte... o trem num tá dano mesmo e ocê tá precisano de dinheiro... se você quis é arrumá otro serviço você pode arrumá... (JCRO, M, 30)</p> <p>(6) Aí nós... nós tinha de::: trabalhá... eu tinha que trabalhá... comprá os trem... meno... pra mim mesmo eu num comprava nada... comprava pra nós... que tinha de comprá carne... carne moída... que inda era carne moída... tal do boi ralado... verdadeiro boi ralado ((risos)) (JCS, M, 72)</p> <p>(7) falô pros menino... iscói tudo que ceis qué/qui... e pego danonim... doce... num sei mais o que... não toda coisa ele levô... aí chegô lá... ele tá lá sentado mexendo nus trem dele lá no sofá véi né? quando o irmão foi embora ele dexô mil reais... tava começano o real... aí eu comprei tudo que tava fartano... e rumei emprego na igreja de frentista inda por cima... (MANC, F, 48)</p> <p>(8) cê é chorona dimais... tudo quanto á cê chora... se fala um trem cê chora... vai fazê cê chora... eu era muito chorona quando eu morava em Goiânia minha mãe ia lá mim visitá o dia dela vim embora era hora deu ficá lá chorano e ela vinha chorano que nós num queria separá uma da outra (MEPFB, F, 33)</p> <p>(9) moça de quinze, dezesseis ano, num sabe fazê um café, num sabe fazê um cumê... e nós tudo fazia isso tudo óh... nós massava requeijão... nós brincava... de de... matava frango... nós sabia fazê... eu encabulo cuns trem desse... nós que lavava nossa roupa... nós ia lá pro “cóigo”... batia roupa lá nas pedra... (MAJ, F, 65)</p> <p>(10) o povo hoje tá tudo sorto sem serviço... ninguém trabaia... uai... sei quê que tá conteceno não... eu sei que esse trem tá feio... praquê Goiás tá cheio de violênça... eu acho que é farta de serviço... (MAJ, F, 65)</p>
Pronome demonstrativo + <i>trem</i>	<p>(11) Num tinha né... era no... na estradinha... carregano esses trem... carregano meu tiizim... que era dois tiizim doente... que um era esse que fi... ficô lá... que deu trabai pra achá... (MRDA, F, 70)</p> <p>(12) Doc. Festa na roça é bom né? Inf. É... aqui na cidade mais é só pulá sozinho aquês trem... então num tem forrozão né? (DMC, M, 25)</p>

- (13) com/é que fala aquele biquim... ah que põe na caixa de engraxate eu esqueço o nome daquele trem que a gente amonta que... que... ah... esqueço o nome daquele trem lá... (JS, M, 36)
- (14) nós foi disputá lá embaxo aí o povo ó fica veiaco com o João João come demais falava assim não eu num como muito não como poquim aí eu falei gosta de comê trem doce aí ele falô assim vamo apostá duas rapadura simples e era dura a rapadura aí interinha eu comi... (JCS, M, 72)
- Verbo + *trem* (15) destruii tudo cabô tudo... moiô trem... quebro trem foi aquela... nossa gosto nem de lembrá tem hora aí eu peguei teve que vim pra trais di novo aí vim pra casa da minha mãe té::: que conseguiu meu sogro pegô mais minha sogra juntô... judô... troxe as mudança di novo pra casa da minha mãe (MEPFB, F, 33)
- (16) Doc. Ah::: num dá né... parece que tá chovendo dentro de casa?
Inf. No:::ssa... tem trem que num pode moiá né sô? (MRDA, F, 70)
- (17) só sete anos... que ele morreu... aí peguei eis me... Monsenhor Pedro chegô aqui eu tava cum a casa caída... meus trem quebrô tudo, cabô tudo... meus minino... eu machuquei demais a cabeça... fui pro hospital... (MAJ, F, 65)
- Pronome possessivo + *trem* (18) Deus mim dá um bom lugá... qu/eu num vô ficá com medo mais não... agora eu num tem medo mais não... assim... meus trem eu preocupo assim... depois qu/eu morrê vivê em pais né? na eternidade em pais... (SBLs, F, 28)
- (19) ele mandô a compra... mandô a compra... aí::: o... o gerente lá do hotel passô uns dia mando chamá minha mãe dinovo lá... minha mãe foi... chegô lá... menino mais ele compro tanto trem pra minha mãe... mais tanto trem... mandô uma compra... com a compra que meu pai fêis nós passô mais de treis meis... (SBLs, F, 28)
- Advérbio + *trem* (20) Tô baruiano... baruiano... num gosto de... se eu vê algum trem fora do lugar eu já bri:::go... aí... é... tá cansada e minino num... num entende né? aí tem dia eu falo assim... ah tá tudo pequeno... minha mãe direto fala assim ó... cê tem que ensiná a Natália arrumá a casa... fazê as coisa direitim... (SBLs, F, 28)
- Pronome indefinido + *trem*

A construção “trem”, conforme podemos observar, faz parte do esquema [X trem], em que X é uma variável e, nesse sentido, pode ser preenchida por diferentes itens linguísticos pertencentes a diferentes classes de palavras, tais como: artigo, pronome demonstrativo, verbo, pronome possessivo, advérbio e pronome indefinido. Conforme podemos notar, a maior parte dos usos foram antecipados por artigo ou pronome demonstrativo, cerca de aproximadamente 74%. O alto índice de uso de pronome demonstrativo se deu, provavelmente, devido a esses pronomes contribuírem para a anáfora no discurso e, conseqüentemente, para a progressão textual.

Além disso, a partir do esquema [X trem], podemos perceber as diferentes funções sintáticas que “trem” assume. Dentre as diferentes funções sintáticas dessa construção, destacamos, por exemplo, a de sujeito em (5) e (17), a de objeto em (6), (7),

(14), (15) e outros. No uso (5), “trem” é considerado um sujeito, na medida em que o verbo concorda com ele: *o trem (trabalho) não tá dano*. Em (6), por sua vez, é considerado objeto, posto que constitui argumento interno da forma verbal “comprá”.

Cabe ressaltar que, mesmo havendo o esquema [X trem], a construção “trem” mantém parcialmente a sua composicionalidade (níveis de predicabilidade do sentido do todo a partir do sentido das partes), uma vez que o acesso semântico-pragmático à unidade não precisa ocorrer de forma integrada.

Além dos contextos sintáticos de usos mencionados, utiliza-se “trem” principalmente em contextos semânticos em que o nome do referente é esquecido pelo falante. Nos dados abaixo, o próprio informante resalta esse esquecimento:

(21) Já de idade já... e juntava com nós pra brincá né...brincava de betê brincava de escondê brincava de... aquele como que fala... é... Oh meu Deus do céu... AH AMARELINHA... i tinha aquele outro tamém... aquele... aquele **negócio** que põe na mão esqueço o nome daquele **trem**... comé que é ? (JS, M, 36)

(22) com/é que fala aquele biquim... ah que põe na caixa de engraxate eu esqueço o nome daquele **trem** que a gente amonta que... que... ah... esqueço o nome daquele **trem** lá... qu/eu amontei lá na rodoviara... (JS, M, 36)

Em ambos os usos, o falante utiliza a construção “trem” para substituir determinada palavra esquecida por ele. Em (21) “trem” é utilizado para se referir a determinada brincadeira, da qual o falante não se lembra, e em (22) para se referir ao nome do *bico que se coloca na caixa de engraxate*. Vale ressaltar ainda que no uso (21), concomitante ao uso de “trem”, o falante utiliza a palavra “negócio” que pode ser, semanticamente, considerado seu equivalente, tal como afirma Koch (2005).

Considerando as propriedades de “trem” elaboradas por Amaral e Ramos (2014) *apud* Amaral (2014), “trem” possui traço [-animado], uma vez que, em geral, o referente é “coisa”, “objeto”. Há a possibilidade de se usar “trem” para se referir a pessoa, tendo, portanto, o traço [+ animado]. Pelo fato de esse uso ser marcado, ou seja, pouco comum, em geral, tem valor semântico pejorativo (*tô com uma raiva danada do meu marido. Ele é um trem chato*) ou laudativo (*aquela mulher é um trem bonito demais da conta, sô*).

Além disso, os autores afirmam que a palavra “trem” pode ser usada em expressões fixas (*trem bom/bão; trem de doido*) e pode-se unir a sufixos para formar derivados (*trenzim; trenzinho*). No entanto, apesar da possibilidade de ocorrência de

expressões fixas e de diminutivos em “trem”, usos desse tipo não foram verificados no *corpus*.

Diante disso, percebemos a importância do estudo da construção “trem” na fala goiana, especialmente sob a perspectiva funcionalista, uma vez que a análise da construção considerou tanto aspectos sintáticos, semânticos como pragmáticos. De certa forma, apesar da análise ter ocorrido de maneira satisfatória, alguns aspectos de “trem” poderiam ter sido investigados, mas que não o foram diante da complexidade de estudar uma variedade como a fala goiana. Desse modo, diante da relevância e fecundidade dessa temática, outras questões referentes à construção “trem” poderão, se for o caso, integrar uma nova pesquisa.

Considerações finais

Tendo em vista os fatores que envolvem a arquitetura de uma construção: *produtividade*, *esquematicidade* e *composicionalidade*, percebemos nos dados que a construção “trem” é, na fala goiana, produtiva, parcialmente esquemática e parcialmente composicional.

Quanto à sua *produtividade*, vimos que, conforme se pressupôs em hipótese inicial, “trem” é extremamente produtivo na fala goiana, na medida em que seu uso com sentido de “qualquer coisa” compreendeu 57 ocorrências, contrapondo-se a apenas 3 ocorrências encontradas no trabalho de Amaral (2014). Em relação à sua *esquematicidade*, a palavra “trem” pode ser considerada parcialmente esquemática, haja vista que pode recrutar diferentes itens para compor a construção, tais como: artigo, pronome demonstrativo, verbo, pronome possessivo, advérbio e pronome indefinido. No que se refere à *composicionalidade*, a construção é parcialmente composicional, uma vez que notamos nos usos que o acesso semântico-pragmático à unidade não ocorre de forma completamente integrada.

Além disso, algumas das propriedades de “trem”, propostas por Amaral e Ramos (2014) *apud* Amaral (2014) também puderam ser atestadas nos dados. Nesse contexto, percebemos que, dentre outras características, “trem” apresentou nos usos referência vaga, ausência de marcas de plural e flexão de gênero e função fórica. Apesar de não se negar a possibilidade de ocorrência de expressões fixas como “trem bão” e “trem doído” na fala goiana, essas não ocorreram nos dados.

Alinhados aos objetivos do artigo, investigamos os contextos sintáticos, semânticos e pragmáticos em que se deram os usos.

Quanto ao contexto sintático de ocorrência da construção, observamos que “trem”, provavelmente devido à sua esquematicidade, é antecedido, normalmente, por itens linguísticos que formam o padrão “X trem”, em que X é uma variável que pode tomar o valor de um artigo, pronome demonstrativo, verbo, pronome possessivo, advérbio e pronome indefinido, dispostos nessa ordem por representarem em ordem decrescente o mais recorrente até o menos recorrente no *corpus*. Diante disso, a partir do esquema [X trem], “trem” tende a assumir funções sintáticas de sujeito e objeto.

No que diz respeito ao aspecto semântico, a construção “trem” passa por uma mudança semântica. Em relação ao sentido inicial de “trem”, anterior à mudança semântica, provavelmente a origem etimológica dessa construção veio do latim “trabere”, conforme se observou no dicionário de Bluteau. Nesse contexto, destacamos ainda a polissemia dessa construção, uma vez que se pode referir tanto ao comboio ferroviário *trem*, como a qualquer “coisa”, “substância” concreta ou abstrata.

Em relação ao aspecto pragmático, observamos que a construção “trem” é muito produtiva na medida em que o falante a utiliza quando não se lembra do vocábulo adequado ou não acha necessário repeti-lo, conforme destaca Fulgêncio (1983). Ainda em relação aos aspectos pragmáticos, a construção X-trem ocorre em contextos comunicativos em que há certo grau de informalidade exigida pela situação. Em situações formais, possivelmente, a construção seria substituída por palavra mais específica.

Além disso, em relação aos aspectos textuais da construção “trem”, notamos que este possui função fórica, na medida em que o falante a utiliza para retomar ou antecipar outras expressões no discurso, como maneira de contribuir para a continuidade referencial do texto.

Percebemos ainda que devido à produtividade da construção “trem”, essa poderia representar a identidade goiana. No entanto, para a confirmação dessa hipótese – como da hipótese de que a construção “trem” é mais produtiva na fala goiana que na mineira – se fazem necessários estudos comparativos entre a variedade goiana e outras variedades, o que não proporcionou essa pesquisa por uma série de questões como, por exemplo, as perspectivas teóricas nas quais este estudo se fundamenta.

Diante de tudo isso, é importante ressaltar que este estudo teve o propósito, como já foi dito anteriormente, de contribuir para analisar a construção “trem” na fala

goiana sob o ponto de vista funcional, o que não desconsidera o trabalho com esse fenômeno sob outras perspectivas. Dessa forma, não se pretende, nem seria razoável, pretender esgotar esse assunto, pois ele possui um espectro amplo para ser aprofundado.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. Análise de um nome geral na fala dos mineiros: para que serve esse trem?. **Revista Trama**, v. 10, n 20, 27-43, 2014.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. Os nomes gerais em três localidades mineiras: Campanha, Minas Novas e Paracatu. **Todas as Letras**, v. 15, n. 1, p. 138-151, 2013.

BLUTEAU, Rafael. Vocabulário português e latino. Catálogo eletrônico IEB/USP, **Instituto de Estudos Brasileiros**. Disponível em: <http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/>. Acesso em: 10 Jul 2017.

BOAS, Hans. **Cognitive Construction Grammar**. University of Texas at Austin. s/d.

BYBEE, Joan. Usage-based theory and exemplar representations of constructions. In: TROUSDALE; HOFFMANN (EDS.) **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford University Press, 2013.

FILLMORE, Charles. **The mechanisms of 'Construction Grammar'**. Berkeley Linguistics Society, 1988.

FILLMORE, Charles. Constructions: a new theoretical approach to language. Linguistics Department, University of Illinois. **Cognitive Sciences**. vol.7 n.5, USA, 2003.

FULGÊNCIO, Lúcia. **O Problema da interpretação dos elementos anafóricos**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 1983.

GOLDBERG. Adele Eva. Constructions: a new theoretical approach to language. Linguistics Department, University of Illinois. **Cognitive Sciences**. vol.7 n.5, USA, 2003.

GIVÓN, Thomas. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
HALLIDAY, Michael.; HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in English**. London: Longman UK Group Limited, 1976.

KARNOPP, Lodenir. II Linguística textual. In: ONICI, Flôres. **Teorias do texto e do discurso**. Canoas: Ed. ULBRA, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Léxico e progressão referencial. In: **Estudos em homenagem ao professor doutor Mário Vilela**. v. 1. Faculdade de Letras da Universidade do porto: Porto, 2005.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; MARCUSCHI, Luiz Antonio. Processos de referenciação na produção discursiva. **D.E.L.T.A**, v. 14, p. 169-190, 1998. (número especial).

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; MORATO, M. E.; BENTES, A. C.(Org.). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução a sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. et al (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

NEVES, Maria Helena Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, Fernanda. A relação entre nomes gerais e pronomes indefinidos na fala mineira. **Revele**. n. 8,UFMG,maio/2015

OLIVEIRA, Luanna Sousa do Nascimento. O uso de anáforas por nomes gerais no português caeteense. **Caletrosópio**, v.4, 2016. (número especial).

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. Grammatical constructionalization. In: **Constructionalization and Constructional Changes**. 2013. p, 112-135.

Como referenciar este artigo

REIS, Natália de Paula. Funcionalismo e abordagem construcional: os usos de “trem” na fala goiana. **revista Linguagem**, São Carlos, v.28, n.1, jan./jun. 2018, p. 274-291.

Submetido em: 25/09/2017

Aprovado em: 03/05/2018